

Dívida externa: os banqueiros, mais otimistas.

Aos poucos, o otimismo volta ao mercado financeiro internacional quanto à perspectiva de uma superação da crise da dívida externa nos países da América Latina — admitem banqueiros europeus. Eles dizem que o Brasil emite todos os sinais — que se tornaram concretos com a retomada do pagamento dos juros — de que pretende acabar com a moratória. O outro segundo maior devedor latino-americano, o México, por sua vez, impulsiona drásticas medidas de ajuste interno, ao mesmo tempo em que coloca em prática o plano de conversão de parte da sua dívida externa.

"Vemos que a crise da dívida entra em uma nova etapa, na qual as nações menos desenvolvidas recompram seu débitos", disse o vice-presidente da junta diretora do Nederlandsche Middenstandsbank (NNB), Gerrit J. Tannes, o terceiro maior banco comercial da Holanda. A fórmula mexicana, que prevê a conversão de até US\$ 20 bilhões de seus débitos nominais, com bônus garantidos por títulos do Tesouro nor-

te-americano, é uma das principais razões do otimismo. Mas não é a única, segundo Tannes.

"O acordo México-Morgan é uma forma de recompra da dívida, mas existe uma infinidade de outras formas, e os países endividados vão aproveitá-las plenamente", prevê o representante do banco holandês. Uma aferição melhor da receptividade aos MMS (como o mercado batizou os bônus mexicanos idealizados pelo Morgan Guaranty Trust) será conhecida a partir de 19 de fevereiro, quando os negócios devem começar para valer.

"O mercado da dívida externa vai expandir-se e será impulsionado pelas conversões", avalia Tannes. Ele espera que o Brasil e a Argentina entrem firme no mercado este ano, com suas propostas específicas para conversão. "O Brasil propôs alguma forma de 'bônus de saída', como parte de seu plano de refinanciamento", especificou o banqueiro holandês, ressaltando, contudo, que "os detalhes são muito preli-

minares". Ainda assim, ele informou, as condições brasileiras são mais favoráveis do que as da Argentina, cujos bônus, entre outros inconvenientes, têm preços muito altos. Por esta proposta, ainda, haveria um dólar de novo investimento para cada dólar de conversão, o que foi reduzido depois à exigência de 70 centavos de dólar de inversão.

No ano passado, cerca de US\$ 15 bilhões das dívidas dos países em desenvolvimento foram negociados no mercado secundário. O Citibank, Chase Manhattan, Bankers Trust e o Morgan, nos EUA, o Standard Chartered, na Grã-Bretanha, e o NNB, na Holanda, realizaram quase todas as conversões. Tannes acredita que o NNB, com um volume de US\$ 3,5 bilhões, observou 20% dos títulos no mercado secundário, no ano passado. Desde que foi anunciada a proposta Morgan-México, no entanto, diz ele, as operações praticamente pararam, na expectativa de como o mercado reagirá a partir de 19 de fevereiro.